



Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Mauro Augusto
Burkert Del Pino
Vice-Reitora: Profa. Dra. Denise
Petrucci Gigante

Pró-Reitora de Extensão e Cultura: Profa. Dra. Denise
Marcos Bussolleti
Pró-Reitor de Graduação: Prof. Dr. Alvaro Luiz Moreira
Hypolito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr. Luciano
Volcan Agostini
Pró-Reitor Administrativo: Antônio Carlos de Freitas Cleff
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Luiz
Osório Rocha dos Santos
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Sérgio Eloi Teixeira
Wotter
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Evaldo Tavares Kruger
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Ediane Sievers
Acunha
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr. Aulus
Mandagará Martins

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelon | Prof. Dr. Vítor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera Lucia
Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Veronica Medeiros dos Santos

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFP)
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Tommaso Deti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2015/2016

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
v.21/v.22, (dez. 2015/ dez. 2016). – Pelotas:
Editora da UFPel, 2015/2016.
1v.

Anual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

*** Obra editada e publicada em dezembro de 2017**

volume
21
Dez 2015
ISSN 1519-2695

volume
22
Jan 2016
ISSN 1519-2695

ICH - UFPEL

A ALVORADA
HISTORIOGRAFIA
MUSEU NACIONAL
PELOTENSE
ARQUEOLOGIA
MUSEU
MÉDIEVO
DIÁRIOS
CRÔNICAS
LIVROS DIDÁTICOS
ESTADO
LAZER
FONTES HISTÓRICAS
CARTAS
JOINVILLE
INTERNET
HISTÓRIA CULTURAL
O EXEMPLO
ESCRITA
EDUCAÇÃO
NEGROS
HARTOG
SAMBAQUI
METODOLOGIA
BIBLIOTECA NACIONAL
JORNAL

**História em revista**
revista do núcleo de documentação histórica



A AÇÃO HISTORIOGRÁFICA SEGUNDO ALFREDO PIMENTA

THE HISTORIOGRAPHICAL ACTION SECOND ALFREDO PIMENTA

Alesson Ramon Rota¹

Jussemar Weiss Gonçalves²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo evidenciar a relação entre objetividade e subjetividade na operação historiográfica de Alfredo Pimenta a partir de sua obra *Meus elementos de História de Portugal*. A obra *Meus Elementos de História de Portugal* (1935) contém reflexões de Pimenta sobre a História. A partir do questionamento sobre “o que é História” para Pimenta é possível perceber os conflitos existenciais do autor em relação ao mundo, que inclui suas escolhas frente a formação do Estado Novo português e seus posicionamentos teóricos. Por fim, a resolução do problema revelou um profundo desgaste da história nacionalista proposta por Pimenta, que considerava ser possível chegar a uma verdade inquestionável por meio das fontes.

Palavras-chave: Historiografia; Teoria da História; Nacionalismo

De Anarquista a Monarquista Contrarrevolucionário

O autor Alfredo Augusto Lopes Pimenta, mais conhecido como Alfredo Pimenta, foi uma personalidade que marcou a primeira metade do século XX em Portugal. Foi um poeta, jornalista, filósofo e historiador. Ganhou notoriedade a partir de 1931 quando foi nomeado 2º Conservador da Torre do Tombo³, o que possibilitou um emprego estável e tempo para escrever seus livros. Antes dos louros, Pimenta tivera dificuldades financeiras trabalhando como colunista em jornais e advogando. Apesar de se formar em direito pela Universidade de Coimbra, em 1908, não escondeu que o seu grande prazer era a escrita. Tendo em vista que o recorte temporal deste trabalho se dá no ano 1935, não será retomado todo o percurso biográfico do autor, mas algumas notas fundamentais são necessárias para entender este texto. Nesse sentido, sem desvincular as experiências mundanas da atividade intelectual, elucidarei como

¹ Graduado pela Universidade Federal do Rio Grande, Intercambista na Universidade de Coimbra com bolsa Santander e bolsista de iniciação científica CNPq; mestrando em História na UNICAMP.

² Professor do departamento de história da Universidade Federal do Rio Grande.

³Arquivo Nacional Torre do Tombo ou simplesmente Torre do Tombo é um dos maiores arquivos públicos de Portugal. Fundado ainda no período medieval, por volta de 1387, o arquivo é uma das mais antigas instituições ainda em funcionamento do país lusitano.

Pimenta conceituou teoricamente a escrita da História no livro *Meus Elementos de História de Portugal*.

O autor Biógrafo de Alfredo Pimenta, Barroso da Fonte (2014), assinalou que houveram diversas fases ideológicas⁴ durante a trajetória de Alfredo Pimenta. Ainda na graduação era anarquista. Nos anos finais do seu curso de Direito ele teve um contato estreito com a sociologia comtiana. As novas leituras de Alfredo Pimenta o fizeram defender a República sob o prisma do partido Evolucionista. Contudo, por volta de 1915 uma última virada ocorreu em direção à Monarquia. A última ruptura durou até o final da sua vida. A sua paixão pela Monarquia fez com que publicasse inúmeros livros subsidiando-a, mesmo no contexto do Estado Novo (FONTE, 2014, p. 27-30).

O autor Fonte interpretou as mudanças ideológicas de Pimenta como uma “resposta à sua vocação” [que] “levou-o para os campos da Política, da História, da crítica literária e filosófica” (FONTE, 2014, p. 29). Neste contexto semântico, entendo por “vocação” a leitura, a escrita e a crítica, mas discordo dessa terminologia para compreender as guinadas ideológicas de Alfredo Pimenta. Pimenta precisou desenvolver ao longo dos anos habilidades para dar preenchimento a cada contexto específico. Ele se tornou um exímio medievalista pesquisando o histórico de Portugal e as ações políticas da Família Real para construir livros com argumentos políticos para explicar o porquê Portugal precisava de uma *Solução Monárquica* (1915). E antes de se tornar um medievalista precisou contribuir em inúmeros jornais para sustentar suas ideias e ganhar visibilidade como advogado.

A partir da década de 1940 Pimenta torna-se um dos principais intelectuais da direita radical em Portugal. Ele procurava combater as ideias liberais, socialista, democratas ou qualquer tipo de raciocínio progressista da época que se distanciava no autoritarismo. Conforme assinala Marchi (2009), as

⁴A palavra ideologia possui inúmeros significados atribuídos à ela ao longo do tempo. Apenas dentro do materialismo histórico há Karl Marx, Karl Mannheim, Antônio Gramsci e outros que usam esta terminologia. Para não fazer confusão com o sentido amplo da palavra adotarei a definição de Michel Löwi devido a aplicação intelectual que seu conceito possibilita. Para ele, as ideologias são *visões sociais de mundo*. Para cunhar esse termo, Löwi procurou reunir no mesmo termo uma distinção feita por Mannheim entre ideologia e Utopia: ideologia é o conjunto das concepções, ideias, representações, teorias, que se orientam para a estabilização, ou legitimação, ou reprodução da ordem estabelecida”, [enquanto as utopias] “são aquelas ideias, representações e teorias que aspiram uma outra realidade, uma realidade ainda inexistente. Têm, portanto, uma dimensão crítica ou de negação da ordem social existente e se orientam para sua ruptura” (LÖWI, 2008, p.13).

direitas radicais que surgirão posteriormente a 1950 serão profundamente influenciadas pelo pensamento de Pimenta e podem ser considerada a primeira geração neofacista do país.

A Proposta historiográfica de Alfredo Pimenta

Os caminhos de Alfredo Pimenta com a História começam a se entrelaçar a partir de seu contato com o *Cours de Philosophie* de Augusto Comte. Para Fonte: “Comte empurrou-o para um terreno que até aí não pisara: o da História erudita, porque o que até aí pisara fora o da filosofia da História” (FONTE, 2014, p. 41). A História Erudita possui o sentido reflexivo sobre o passado, isto é, científico; já as Filosofias da História, “podem ser entendidas, na sua definição mais irredutível, como um gênero filosófico que produz uma reflexão ou especulação sobre a História” (BARROS, 2011a, p. 117).

Augusto Comte inaugurou um estudo do campo social como nos moldes das ciências da natureza para explicar suas “leis” de funcionamento, o que ficou conhecido como Positivismo. Seu objetivo era encontrar as leis de regimento da sociedade para desenvolver o progresso. O pensamento comtiano teve por essência caráter filosófico e sociológico⁵, contudo, é inegável a influência positivista em outras áreas do saber, como na História. Gardiner analisou o método comtiano da seguinte forma:

Tal como Condorcet e Saint-Simon, Comte associou uma teoria progressiva da História a um interesse prático pelos problemas de organização social e política: e acalentou o ideal de aplicar o método científico ao estudo da sociedade de uma maneira ainda mais radical e incondicional do que a deles (GARDINER, 1995, p. 89).

Comte pensou na “evolução do processo histórico” no sentido de uma marcha em direção ao progresso. Isto ocorreria porque o método científico aplicado ao campo social levaria a descoberta das leis de funcionamento das sociedades, então poder-se-ia tomar as medidas políticas necessárias para efetivar a evolução. As tais leis nunca foram descobertas, elas não passaram de promessas iluministas nunca concretizadas (BOAVENTURA, 2014). A sociologia comtiana buscou a “evolução do processo histórico” por meio do estudo do social como um *fato* verificável, o que não significa que os positivistas tenham desenvolvidos conceitos e métodos para a História. Comte não se propôs a escrever uma Teoria da História, entretanto abriu espaço para outros intelectuais projetarem as influências positivistas dentro do campo

⁵ Comte chamava a sociologia de Física-Social.

historiográfico. Inegavelmente Alfredo Pimenta possui muitas influências positivistas que perduraram ao longo da sua vida.

Alfredo Pimenta teve sua escrita marcada pela influência positivista. Na obra *Meus Elementos de História de Portugal* a influência é latente com a irredutibilidade da verdade contida nos fatos; conforme diz “quem guia a minha mão e dá inflexão à minha voz — são os fatos” (PIMENTA, 1935, p. 10). Por outro lado, em certos momentos aflorou o Relativismo Histórico⁶ à lá Droysen, que aproximou Pimenta mais do Historicismo⁷ do que do Positivismo. Contudo, não se pode observar Pimenta como um sujeito puramente contraditório; ele faz parte de um contexto histórico complexo e esta complexidade deve acompanhá-lo durante minhas análises. Para entender o mundo político, econômico, social etc, que Pimenta está submerso questionarei a proeminência conceitual na sua ação historiográfica. Cabe saber, antes de tudo, como Pimenta constrói sua História com os conhecimentos que ele tem à mão.

No livro *Meus elementos de História de Portugal* é possível encontrar discussões que tangem à *interpretação*, à *objetividade*, à *bibliografia*, à *revisão historiográfica* e às *discordâncias ideológicas*. Fiz estas divisões em categorias para entender melhor o pensamento do autor analisado.⁸

As categorias constituem uma ação historiográfica realizada para atingir uma finalidade (ver Figura 1). Na obra a *interpretação* quer dizer a interpretação filosófica da fonte; a *objetividade* é a exposição nua e crua dos fatos realizada por um historiador no seu ato narrativo; a *bibliografia* é o referencial teórico e prático da qual o historiador se utiliza como subsídio para acessar o conhecimento histórico; já a *revisão historiográfica* é o processo de reescrita da História; por

⁶ O Relativismo Histórico é um conceito cunhado por José D'assunção Barros para explicar os movimentos Historiográficos que surgiram na virada do século XIX para o XX (BARROS, 2011b, p. 156-160). A principal contribuição desta nova fase da escrita da história é o reconhecimento da subjetividade e o fim da narrativa absoluta. Dissertarei com maior detalhe sobre o assunto na sessão 3.

⁷ O Historicismo é um movimento historiográfico pertencente ao século XIX e que possui seus desdobramentos até os dias atuais. Sua premissa presa pela singularidade do evento histórico e pela neutralidade analítica. Maiores discussões serão feitas ainda neste capítulo.

⁸ Estes conceitos foram cunhados a partir de categorias construídas analiticamente. Procurei traduzir por meio de algumas palavras o pensamento constituinte de Pimenta, por isso adotei expressão como discordância ideológica e revisão historiográfica que não aparecem no livro, mas que expressam tal sentido.

último, as *discordâncias ideológicas* estão ligadas a um conflito de interpretações a respeito de algo. As categorias enunciadas são desproporcionais dentro do livro, algumas permeiam o texto do início ao fim, como a objetividade, outras são raramente citadas como a revisão historiográfica.

O que chama a atenção é a busca incessante pela objetividade em Alfredo Pimenta; no decorrer de sua obra ele reafirmou várias vezes a objetividade pautada no fato atestado por meio de uma fonte histórica. É prudente perguntar: qual a relação desta afirmação com a premissa comtiana? Existe algum tipo de Positivismo histórico ao qual Alfredo Pimenta possa fazer parte?

Para responder os questionamentos supracitados preciso dar voz a Alfredo Pimenta:

Sem querer levantar outra vez, depois de tantas o ter feito algures, o problema do em que consiste a História, lembrarei que nesta há fatos e interpretações. Os factos são independentes de qualquer subjetivismo: existem. Como realidades, o homem de estudo nada tem a fazer além de procurar a prova positiva da sua existência. (1935, p. 77).

Ele definiu que na matriz da História existem “factos e interpretações”. Os factos são confirmados positivamente por meio das fontes históricas. Cabe ao historiador procurar os factos no passado para trazê-los ao presente. Os fatos emanam sua própria verdade, eles possuem um objetivismo externo à qualquer temporalidade, eles falam por si desde que resgatados pelos historiadores; já a interpretação é um sentido atribuído pelo sujeito à fonte. Contudo, para Pimenta a interpretação do sentido da fonte não é propriamente um trabalho do historiador, mas sim do filósofo da História. Nas suas palavras: “Quando a História cai nessa interpretação deixa de ser e chama-se filosofia da História. E então, como toda filosofia, é devaneio, capricho, romance” (PIMENTA apud FONTE, 2014, p. 266).

Pimenta não abre mão da objetividade, mas há uma complexidade que o faz fugir do Positivismo comtiano. Acontece que Comte nunca se propôs a escrever uma Teoria da História a qual fosse possível construir uma narrativa Histórica a partir dos seus conceitos. Ele fez uma Teoria Social e Filosófica de grande influência no campo da Política. Conforme já ressaltado, Pimenta embarcou nesta linha de raciocínio quando estava próximo ao término da sua graduação em Direito. Com o viés comtiano escreveu diversos livros de cunho político como *Política Portuguesa* (1914), ainda em sua fase republicana, e *Política Monárquica* (1917) na fase monarquista. Pensando em um evolucionismo da sociedade, seus estudos sobre a Monarquia o fizeram buscar argumentos no campo da História. Mas, é somente a partir de 1930 que ele entrará no campo da Escrita da História após conseguir um emprego estável na Torre do Tombo.

Antes disso, inúmeros problemas financeiros não permitiram a Pimenta fazer pesquisas mais profundas. O emprego de 2º Conservador⁹ na Torre do Tombo “garantiu tempo, predisposição e meios logísticos para se dedicar à História” (FONTE, 2014, p. 270).

Com o contato com a História as referências de mundo de Pimenta ampliaram-se: diversificou-se os autores que lia, a maneira de enxergar as pessoas, as percepções sobre a realidade, mas uma certeza permaneceu – a convicção que a Monarquia é a solução para Portugal. Em um livro publicado em 1946 – chamado *Idade Média (Problemas e Soluções)* – Pimenta revelou ter seis mestres fundamentais: “Antônio Caetano Amaral, Alexandre Herculano, Gama Barros e Alberto Sampaio; o alemão Th. Mommsen e o francês Fustel de Coulanges” (FONTE, 2014, p. 272). Os quatro primeiros foram historiadores da História de Portugal, enquanto Fustel de Coulanges foi um dos principais nomes da historiografia francesa do século XIX.¹⁰ Ele pertenceu à antiga geração da Escola Metódica, o que fazia dele um contemporâneo do Positivismo na sua forma mais pura. As influências positivistas em Coulanges lhe permitem afirmar: “não sou eu que falo, é a História que fala através de mim” (BARROS, 2011b, p. 101), por outro lado, o absorvimento do Relativismo Historicista é notável: “Não há definitivo em História, porque esta está sujeita a revisões constantes; novos documentos, novas perspectivas” (FONTE, 2014, p. 268).

Agora que estão reveladas as origens do pensamento historiográfico de Alfredo Pimenta posso defini-lo como um Metódico e não simplesmente como um positivista. A princípio, não se pode observar uma Teoria da História como uma camisa de força, em que um determinado autor deve seguir todas as

⁹ A nomeação foi feita por Antônio Salazar em 1931. Posteriormente, Salazar nomeou Pimenta ao cargo de Primeiro Conservador (1948) e a Diretor (1949) (FONTE, 2014, p. 272).

¹⁰ A Escola Metódica organizou-se a partir da *Revue Historique* em 1876. Sobre sua fundação, Matos constatou que “a Escola Metódica, francesa, fundada por Charles Langlois e Charles Seignobos, ligou-se em parte à proposta do Positivismo, uma corrente mais conservadora que ao invés de métodos, passava a estabelecer leis. Afirmava que a História era uma ciência positiva, que o historiador deveria ser imparcial para reproduzir a História “verdadeira e absoluta”(Cf. Comte). Durante algum tempo, apesar de sempre ter havido historiadores em busca de novas abordagens, esta fora a corrente predominante da historiografia” (MATOS, 2015, p. 88). A Escola Metódica recebeu ainda influências de alguns dos setores mais avançados do Relativismo Histórico alemão, mas Fustel de Coulanges era ainda bastante devoto de Positivismo (BARROS, 2011b, p. 101). De outra parte, José Carlos Reis procurou demonstrar que o Escola Metódica francesa se forma a partir da influência da Escola Metódica alemã, com a diferença que oculta a Filosofia de Comte ao invés da de Hegel. (REIS, 1996, p. 15-17).

premissas. Cada autor desenvolve suas singularidades em meio aos paradigmas existentes somadas as diversidades do seu contexto específico. Difícil é encontrar autores que expressem justamente o contrário, como, por exemplo um metodismo ou Historicismo genuíno. Não é de se estranhar que Pimenta misture o metodismo francês com o Historicismo alemão e ao mesmo tempo oculte uma Filosofia de História comtiana.

Ainda pensando nas outras influências de Alfredo Pimenta não se pode deixar de falar de Alexandre Herculano e Theodor Mommsen. O primeiro foi um Historiador português que pertenceu ao movimento romancista do país, enquanto o segundo é um alemão considerado um dos pais fundadores do Historicismo. Herculano possui sua formação alicerçada na tradição de Mabillon, Niebuhr, Guizot, Savigny e Ranke. Ele é para a História portuguesa uma ponte entre o Romance Histórico e a História Científica (CATROGA; TORGAL; MENDES, 1996, p. 50-51). A ele é atribuído o conceito de História *Ad Usum Delphini*¹¹, que neste contexto significa a História como conselheira política. “No meio de uma nação decadente, mas rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma espécie de magistratura moral, é uma espécie de sacerdócio”. (HERCULANO, 1843, VII, p. 12 apud CATROGA; TORGAL; MENDES, 1996, p. 49). Assim, é inegável a adesão ao nacionalismo por meio da História em Herculano. Alfredo Pimenta percorrerá o mesmo caminho no que se refere a devoção à pátria, mas deixou claro que a História *Ad Usum Delphini* não é um bom caminho porque possui interpretação.

Após fazer essa grande digressão sobre o pensamento de Pimenta serão finalizados os dois últimos conceitos que compõem a ação historiográfica, sendo a Bibliografia e Discordância ideológica.

As referências bibliográficas são hoje meio pelo qual os historiadores têm acesso as diversas interpretações sobre o passado podendo saber o que já foi escrito e como foi escrito (BARROS, 2012). Na obra de Alfredo, a referência bibliográfica é um assunto menos proeminente do que a objetividade e a interpretação. Ocorre que Pimenta considera menos importante as bibliografias do que as fontes históricas. Segundo sua ótica é melhor trazer os fatos propriamente constatados pelas fontes do que a História escrita por outros autores. Quando o livro didático *Elementos de História de Portugal* (1934) foi publicado a crítica o considerou demasiado longo para ser usado nas escolas porque tinha quase 600 páginas e citações em latim. Pimenta se justificou: “parti

¹¹ *Ad Usum Delphini* pode ser traduzido livremente “para o uso de Delfim”, este que foi filho de Luís XIV, Rei da França. Ocorre que Delfim foi educado **politicamente** com textos clássicos do latim e do grego. Assim, a coleção de textos era “para uso de Delfim”

do princípio de que estava tudo por fazer. Não copiei. Fui-me as fontes originais, e delas me servi para as minhas conclusões” (1935, p. 9). Segundo a ótica dele o trabalho de citação está relacionado a repetição. E o que Alfredo gostaria de fazer é algo novo, o que ninguém ainda fez. É claro que essa postura de Pimenta denota uma visão extremamente tradicional sobre a História que procura “a fonte inédita”, “a História inédita” ou qualquer outra característica ligada ao imaginário do incrível, mas isto não significa que ele tenha aberto mão de bibliografias para escrever seu trabalho.¹²

Na obra de Alfredo Pimenta a revisão historiográfica segue uma linha de pensamento muito próxima à bibliografia. Esta categoria tem como finalidade expressar o pensamento de Pimenta sobre a necessidade de rever certos conceitos de História. Quando se pensa em revisão historiográfica, atualmente, trata-se de uma releitura de obras e fontes com novas perspectivas históricas; são novas perguntas que surgem ao passado que fundam novos paradigmas (BARROS, 2012). Contudo, Alfredo Pimenta vê a necessidade de reescrever determinados contextos históricos para desfazer o “erro” de escrita de outros autores; ele enxerga muitas Histórias nebulosas que destruíram gerações, principalmente se os cunhos delas estiverem fundados no liberalismo. Para estes Pimenta escreve: “Não invento: limito-me a pôr a nu, a trazer à superfície, a iluminar o que a falsa História, o que a mentira histórica sepultara, escondera e amesquinhou. Nada mais” (1935, p. 10).

Pimenta mostrou uma profunda preocupação com o que as novas gerações leem e o impacto de uma obra ruim – segundo seus critérios – na vida deles. Ele utilizou suas obras de História para rebater as suas ideologias rivais: o

¹² Em vários embates com outros autores, Pimenta questiona a autoridade das referências bibliográficas sobre os assuntos discutidos. Há a procura pelo descredenciamento da bibliografia do adversário seja porque o autor que a escreveu não é especialista no assunto, ou está defasado ou não colabora para a História. A exemplo disso, é possível perceber a desconstrução da legitimidade de uma bibliografia quando Pimenta discorda do posicionamento do Padre Miguel de Oliveira sobre a História do cristianismo: “A minha posição é ao lado dos teólogos pontíficos; a do Sr. Padre Miguel de Oliveira é ao lado de João de Paris, de Bossuet e da Carta da Igreja de Liège, — contra o Papado. Quem não é inteiramente hospede nestas coisas, sabe que esse texto de S. Bernardo foi arma que João de Paris, primeiro, e Bossuet, depois, ao defender o Galicanismo, manejaram contra a supremacia papal — a única, repito, lógica. Se eu fosse teólogo medieval, estaria com Gil de Roma, Hugo de S. Victor e Jacques de Viterbo, e contra o autor do Rex pacificus, e João de Paris e ... o Sr. Padre Miguel de Oliveira. Teólogo, hoje, se fosse, hoje, teólogo, defenderia a tese de que a substancia doutrinal dos Dictatus Papas e da Unam Sanctam devia ser o limite matemático da política pontifícia” (PIMENTA, 1935, p.40).

republicanismo, o liberalismo, o comunismo entre outras, e reafirmar a necessidade da educação espiritual cristã e da volta da Monarquia. Na década de 1930 o Estado Novo não está consolidado, havendo ainda o temor de outras teorias políticas. Temor que fez Alfredo Pimenta se configurar em um conservador. De um anarquista à um monarquista – um longo e contraditório trajeto a se percorrer que somente a vida de Alfredo Pimenta pode aliviar as tensões. E são justamente as tensões nos campos das ideias que me levam à última categoria: a discordância ideológica.¹³

Criei a categoria discordância ideológica para expressar as divergências de posicionamento de Pimenta com outros sujeitos. Nesta categoria apareceram os conflitos diretos sobre a visão de mundo de Pimenta com outros autores, o que significa dizer que ele nomeou seus rivais e os qualificou. As discordâncias de Pimenta já estão implicitamente salientadas na objetividade, na interpretação, no referencial bibliográfico, pois todas estas ações historiográficas denotam a vida de Alfredo Pimenta através de sua intelectualidade. As escolhas historiográficas de Alfredo Pimenta dizem respeito a Mimese 1 – onde as experiências são vividas – e a Mimese 2 que é a construção da narrativa histórica, se aqui posso retomar os conceitos de Paul Ricoeur (RICOEUR, 1994). As próprias experiências vividas dizem respeito a uma escolha do historiador com base nas suas vivências. As fontes configuradas a partir das experiências vivas, também, dizem respeito à trajetória do historiador, tendo em vista que as fontes são elegidas conforme uma visão de mundo que encontra parâmetro em uma Teoria da História. A configuração da narrativa histórica surge do produto da erudição do historiador, com todas suas leituras e experiências de mundo, confrontadas com as vivências mundanas do seu recorte temporal. A narrativa histórica é uma trama configurada pelo historiador cujo o palco é a vida humana. O sentido da narrativa histórica é desvelar a face do ser humano; é mostrar os conflitos existenciais do humano por meio de suas experiências, ou seja, por meio da História.

Nas discordâncias ideológicas é possível ver a denotação dos conflitos existenciais de Alfredo Pimenta. O autor observa a escrita da História desfigurada pelo posicionamento de alguns historiadores:

A História de Herculano, na sua subjetividade, era um instrumento de racionalismo iconoclasta e de filosofismo liberal que os tradicionalistas não podiam deixar de receber hostilmente. Surgiu, depois, a História de Oliveira Martins, destituída, essa de qualquer espírito científico. História folhetinesca, sem

¹³ A relação entre História e ideologia se mostra bastante fecunda em Pimenta, entretanto, como tal demanda necessita de análises mais profundas sobre o livro *Elementos de História*, a tarefa ficará para outro momento.

fontes ou indícios delas, alastrou como veneno corrosivo numa sociedade sangrada e corrompida pelo derrotismo liberalista, desnacionalizador e anárquico (PIMENTA, 1935, p. 8).

Apesar de reconhecer o Herculano como um mestre de História, Pimenta não deixa de ter suas críticas a sua História. Para ele, a História feita por Herculano era pautada em métodos científicos, mas em dados momentos ele abria mão da neutralidade para usar a interpretação, com a finalidade de empregar seu “subjetivismo” na escrita, isto é, sua visão de mundo. Pimenta acreditou que o método poderia isolar a subjetividade para a construção da História e que uma História com subjetividade não era História, mas sim filosofia. Contudo, o legado de Herculano o credenciaria como um grande historiador. Ademais, o próprio Pimenta admitiu haver “filosofia” no livro *Elementos de História de Portugal*.

O autor Oliveira Martins¹⁴ é outro autor deslegitimado por Pimenta enquanto historiador. Em um trecho do *Meus Elementos* Pimenta observa o prejuízo que Martins causou a sua juventude: “Fui uma vítima desse estado de coisas. A minha mocidade ficou presa ao desvaio semeado por Oliveira Martins, e os meus vinte anos inocentes pensavam e falhavam pelas monstruosidades que Oliveira Martins lhes ensinara” (PIMENTA, 1935, p. 9). Percebo que Pimenta, aos 53 anos de idade, observa a História ensinada na sua época de Liceu como um dos fatores responsáveis pela derrocada do presente. Em um outro trecho do livro *Subsídios para a História de Portugal* (1937)¹⁵ Pimenta se lamenta pelos caminhos que Portugal trilhara; mas a angustia não intimidou o autor, ela o incentiva a escrever. O conflito existencial de Pimenta, entre outras coisas, acontece por ele enxergar Portugal em derrocada e, ao mesmo tempo, possuir ideias que podiam melhorá-lo; o conflito aqui observado sob a ótica

¹⁴ Oliveira Martins ficou conhecido por escrever uma História crítica a respeito de Portugal. O autor procurou analisar o passado a fim de perceber quando e porque o país começou a entrar em decadência, no entanto, esta tese para época foi bastante controversa.

¹⁵ “Os tempos são outros. Não há hoje Reis em Portugal, porque a canalhocracia instaurou, há vinte e sete anos, o regime da Democracia e do Sufrágio popular, sem máscaras ou disfarces, em toda a sua hedionda pureza. Dar-me-á Deus tempo e forças para eu tornar real o meu sonho e o meu desejo? [...] Do alto agreste destes cinquenta e cinco anos que a minha certidão de idade acusa, posso encarar o que vivi e o como vivi, que não tenho que cerrar os olhos de pejo ou de remorso, embora mos toldem lágrimas de dom. São um triste mundo confuso esses cinquenta e cinco anos, cemitérios de ilusões, de sonhos, de quimeras, de nuvens, onde encontrei amizades esplendentes como sóis e facínoras odientos como chacais” (PIMENTA, 1937, p. 271).

ricoeuriana¹⁶ é uma desproporção entre sentimentos: como a visão de mundo ideal e a visão de mundo real de Pimenta. Para colocar fim nesta desproporção, Alfredo escreve seus livros com a finalidade de construir um país melhor.

A ação historiográfica de Pimenta me permitiu classificá-lo como um historiador da Escola Metódica, embora ele tenha algumas características próprias. As características comuns à Pimenta são a objetividade, a exaltação da fonte, a verificação da historicidade, a verdade histórica entre outras características. Há uma outra característica que foge a categorização que fiz, mas que permeia toda a escrita do autor: o patriotismo. Pimenta construiu sua História de Portugal para valorizar a nação - desfazendo o “erro” de outros historiadores - e para orientar a mesma nação ao progresso. O patriotismo pimentiano pautado pelo *povo devoto pelas causas da nação* não deixa de ser características metódicas, mas a origem do nacionalismo francês está na própria Alemanha onde a causa era mais evidente com Ranke. Talvez aqui, no nacionalismo, se expressem as influências do Historicista Theodor Mommsen. Ver-se-á a característica nacionalista na diferenciação e aproximação entre o Historicismo e a Escola Metódica feita pelo autor José Carlos Reis:

Os positivistas Franceses praticaram os mesmos princípios defendidos por Ranke, mas traduzidos para o espírito francês. Se Ranke esconde Hegel, a filosofia da História implícita na historiografia metódica francesa será a iluminista. Não é o Espírito que produz a História, mas o povo-nação e os seus líderes instalados no Estado. O Iluminismo que sustentará esta historiografia será aquele evolucionista, progressista, gradualista, anti-revolucionário, mas atualizado pela filosofia comtiana e seu "espírito positivo", bem como influenciado pelo evolucionismo darwiniano. (REIS, 1996, p. 15).

¹⁶ O conflito ricoeuriano surge no homem por causa da sua desproporção interior. São dicotômicas, por exemplo, de amor e ódio, tristeza e alegria, que remetem a conosco próprio, mas também, à todas as outras relações no mundo em que vivemos. Entretanto, não pode-se ver essa conflituidade como algo negativa, aliás, ela é inerente ao ser humano. A conflituidade deve ser vista como um motor de produtividade em diversos sentidos, não somente na violência e no sentimento trágico. O sentimento trágico toca profundamente o homem, onde estão os conflitos mais agoniantes do homem como, por exemplo, o fim e o começo, a vida e a morte, o desespero e a esperança. Mas esse mesmo sentimento faz o sujeito tomar decisões na vida privada e pública, obrigando à ação, ao movimento, ao posicionamento. Essas deliberações fazem com que o homem construa soluções revogáveis, porque não é possível construir um compromisso somente a partir da argumentação puramente racional. Em outras palavras, o homem é um sujeito que busca uma mediação dos conflitos, seja interno ou externo. Dessa forma, pode-se ver as soluções buscadas em sociedade como alguns instantes de “equilíbrio refletido”; ou então a mediação feita entre paradigmas rivais que levam ao desenvolvimento de interpretações rivais (ABEL, Olivier; PORÉE, JÉRÔME, 2010, p. 57-60).

Esta citação também permite observar que a rejeição das Filosofias da História pelas Teorias não foram bem sucedidas, tendo em vista que ambos resguardam traços tanto de Hegel como de Comte. Mas a Escola Metódica francesa avança sobre a proposta do Historicismo alemão com uma visão mais abrangente da sociedade, porque o destino da nação está nas mãos do estadista e do seu povo e não no Espírito como líder que produz a História.

Pimenta não escondeu o seu desejo de restaurar a Monarquia mesmo durante o regime do Estado Novo, embora estas formas de governo possuíssem premissas diferentes elas foram conciliatórias dentro da visão de mundo do autor. Ele nunca escondeu de Antônio Salazar o seu sonho monárquico, o que aparentemente poderia significar um conflito, mas as características autoritárias salazaristas afastavam as ideias republicanas, liberalistas, comunistas que Alfredo Pimenta temia. Em cartas trocadas com Salazar¹⁷, Alfredo Pimenta afirma que o Estado Novo é um governo importante para afastar os inimigos da nação, mas o salazarismo deve ser encarado como um governo transitório entre a desordem e a Monarquia. Em suas palavras, o futuro político “só estará assegurado com a Monarquia hereditária que, por natureza, por definição, implica a censura permanente, o Parlamento orgânico, e a liberdade suprimida – por isso não é regime de opinião” (Carta 37,1938).¹⁸ As expectativas de Pimenta e Salazar se fundem em um horizonte autoritarista, afinal, os inimigos a serem combatidos eram comuns. Mesmo com diferenças políticas entre a tríade do Estado Novo – alicerçada por *Deus Pátria e Família* – e a tríade monarquista de Alfredo Pimenta

¹⁷ Desde a nomeação de Alfredo Pimenta para trabalhar na Torre do Tombo em 1931 até sua morte em 1950 as cartas trocadas com Salazar nunca estancaram. São conhecidas por volta de 476 cartas privadas trocadas entre ambos sobre inúmeros assuntos em diversos contextos. Neste trabalho, analisei 15 correspondências seriadas circunscritas entre os anos de 1931 e 1936. A carta 37 não entrou nessa contabilização por estar deslocada temporalmente, mas foi incluída no enredo por conta do seu valor histórico. O padrão de citação adotado foi (Carta X, DATA), sendo X o número da carta publicada por CRUZ (2008).

¹⁸ As cartas “aproximam-se de outros gêneros literários que também são ou podem ser produzidos em série, como folhetins e crônicas, embora deles se distanciem em aspectos-chave [...] Ela é um documento - uma fonte – para contextualizar a produção, fornecendo informações sobre questões que têm a ver com a criação, a circulação e a recepção de sua obra” (GOMES, 2013, p. 8-12). Tanto as cartas como textos de um livro são escritas pessoais, então não há motivo para analisar as cartas como produções desconexas da produção de uma obra maior. Na realidade, elas nos ajudam a compreender os passos de um intelectual no tempo.

– *Deus, Pátria, Rei* – elas coexistem por algum tempo sem maiores conflitos.¹⁹

Na imagem abaixo – Figura 1 – pode ser visualizada, novamente, a ação historiográfica de Pimenta.



Figura 1 A ação historiográfica e sua finalidade. (Elaboração do autor).

É *ação* porque é um conjunto de iniciativas a serem desenvolvidas intencionalmente para atingir um fim específico. A interpretação foi incluída como um dos pilares de sustentação da finalidade – a efetivação de uma *nação patriótica* – porque Alfredo Pimenta admitiu utilizar do seu pensamento nacionalista para desfazer a História antipatriótica que ele criticou. Já os conflitos ideológicos não constam no quadro porque Alfredo Pimenta não os reconhece como processo natural da Escrita da História. Para Pimenta, os conflitos existem no *Meus Elementos de História de Portugal* para constatar o “erro” das visões de mundo de quem ele desconsidera; agora se estes historiadores abrissem mão do seu “subjetivismo”, não haveriam conflitos, porque os fatos extraídos dos documentos falam por si mesmos.

¹⁹ Alfredo Pimenta foi censurado em diversos momentos pelo departamento de Censura do Estado Novo, principalmente em colunas jornalísticas. Mas, como Pimenta gozava de ampla confiança de Salazar nunca houve grandes retaliações. Na grande maioria das vezes, ao se reportar a Salazar, Pimenta conseguia fazer suas vontades prevalecerem sobre os censores. (FONTE, 2014, p. 177-178).

Considerações Finais

A História proposta por Alfredo Pimenta revelou um profundo desgaste da Escola Metódica durante a década de 1930. Nesta época o Historicismo já havia se renovado, mais uma vez, com Dilthey e com Max Weber, mas Pimenta não dialoga com estes autores. O contexto português rogava por autores nacionalistas e autoritários, o que explica o porquê da devoção de Pimenta à Escola Metódica. Ainda em Portugal procurava-se valorizar um líder para pôr fim às inúmeras tentativas de Golpe ocorridas durante a década de 1920. O desgaste da Escola Metódica é evidente quando surgem conflitos no ofício do historiador. O principal conflito gira em torno da objetividade e da interpretação. Veja que Alfredo Pimenta crê em poder chegar à História por meio dos fatos subsidiados pelas fontes. Mas ao mesmo tempo, ele admite que sua história – e de outros conhecidos historiadores – possui interpretação, isto é, possui elementos considerados subjetivos. Contudo, no contexto de Alfredo Pimenta, a necessidade de uma História Patriótica fez com que as contradições fossem amortecidas por uma necessidade do momento.

Referências

- ABEL, Olivier; PORÉE, Jérôme. **Vocabulário de Paul Ricoeur**. Coimbra: Minerva, 2010.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História – Princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2011a. Vol.1. 2ºed.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História – Os primeiros paradigmas: Positivismo e Historicismo**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2011b. Vol. 2, 2ºed.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História – Acordes historiográfico: uma nova proposta para a teoria da história**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2011c. Vol. IV, 2ºed.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História, volume 5: A Escola dos Annales e a Nova História**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.)
- BOAVENTURA, De Sousa Santos. **Para um a revolução democrática da justiça**. Lisboa: Almedina, 2014.
- BOURDIEU. Pierre. **Coisas Ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DA FONTE, Barroso. **Alfredo Pimenta, da práxis libertária à doutrinação nacionalista**. Guimarães: Editora cidade do Berço, 2014.

GADAMER, Hans-Georg. Hermenêutica clássica e hermenêutica filosófica. In: **Verdade e Método II: Complemento e Índices**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2004. Pp.111-142.

GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. 5º ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. Introdução. IN: **Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre**. Campinas - SP: Mercado das Letras, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes; Ed. Universitária São Francisco, 2005. Volume I, 15ªed.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes; Ed. Universitária São Francisco, 2012. 6ªed.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (tomo 1). Campinas, SP: Papiros, 1994.

REIS, José Carlos. A Escola Metódica dita “Positivista”. In: **A história, Entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1996.

Abstract: This article aims to highlight the relation between objectivity and subjectivity in historiographical operation of Alfredo Pimenta from his work *Meus elementos de história de Portugal*. The work of *Meus Elementos de História de Portugal* (1935) contains reflections of pepper over history. From the questioning of "what is history" for Pimenta is possible to perceive the existential conflicts of the author about the world, which includes their choices facing the formation of the portuguese Estado Novo and its theoretical positions. Finally, the resolution of problem revealed a deep erosion of nationalist history proposed by Pimenta, it considered possible to reach a truth unquestionable through sources.

Key-Words: Historiography; Theory of History; Nationalism
